

**O PAPEL DA ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES
UNIDAS**

NA QUALIDADE DAS NOSSAS VIDAS

Nem sempre devidamente reconhecido

**“Não foi Deus que redigiu a Declaração
Universal dos Direitos Humanos”**

**A PERSPECTIVA QUE FALTAVA PARA UMA MELHOR
COMPREENSAO DO TRABALHO DA ONU**

Sónia Melo e Castro

Conselheira de Embaixada

05.08.2022

¹²A guerra na Ucrânia apanhou-nos, a muitos, de surpresa, no sentido em que décadas de paz que se seguiram à segunda guerra mundial nos fizeram esquecer o passado bélico da Europa.

É certo que mesmo que nos tivéssemos preparado, a evolução dos acontecimentos e o comportamento do invasor, em total desprezo e desrespeito pelas regras e normas internacionais, revelou-se muito para além da preparação de qualquer ser humano de boa vontade. Efetivamente, todos esperamos que os atos praticados por dirigentes mundiais, em particular das grandes potências, com acesso ao aterrorador botão de lançamento de armas com potencial de aniquilação total, sejam sempre racionais.

O impacto que a guerra na Ucrânia está a ter em todo o mundo despertou uma atenção nunca vista às questões das relações internacionais e da governação do mundo até pelo cidadão comum,

-
- 1 O presente texto foi escrito pela autora na sua capacidade pessoal. As opiniões nele contidas não constituem necessariamente posição oficial.
 - 2 A autora é crente, não pretendendo com este texto afetar a crença em Deus, apenas suscitar uma melhor reflexão sobre o papel da ONU nas nossas vidas.

habitualmente pouco interessado nestas matérias de interesse longínquo. Mas também um frenesim de procura de informação que permita um maior esclarecimento do público, cheio de interrogações, por parte da comunicação social.

Muita informação de enquadramento tem sido por esta transmitida aos cidadãos, nomeadamente sobre a composição e funcionamento da Organização das Nações Unidas e seus principais órgãos mas também, à medida que se desenrolam os acontecimentos, informação específica, como quais os requisitos e procedimentos para adesão de um país à União Europeia – em reação ao pedido de adesão acelerada por parte da Ucrânia – ou à NATO – em reação aos pedidos de adesão da Finlândia e da Suécia. Ou o que reza o direito internacional humanitário em reação aos bombardeamentos de zonas residenciais na Ucrânia, por parte da Rússia, à descoberta de corpos de cidadãos civis em valas comuns ou aos indícios de utilização de armas proibidas. Quem não sabia ficou a saber que até a guerra tem regras, que não é permitido tudo, que a violação dessas normas pode configurar crimes de guerra ou crimes contra a Humanidade e que existe um Tribunal Penal Internacional com mandato específico para julgar esses crimes e condenar os responsáveis.

Este meritório aumento do fluxo de informação parece estar a chegar ao cidadão comum, que comenta a situação nos cafés de forma mais informada.

O que não parece estar a mudar e até aparenta estar em crescendo são as manifestações de incompreensão e perplexidade com a alegada inoperância das organizações internacionais ou mesmo sobre a utilidade da sua existência.

Se o fluxo de informação tornou os cidadãos mais esclarecidos, o que me parece estar a faltar é uma explicação circunstanciada sobre a verdadeira natureza do trabalho de instituições como a Organização das Nações Unidas e os motivos que justificam certas ações e resultados ou a respetiva ausência. Ou seja, a explicação da arquitetura, por mais detalhada que seja, se não for acompanhada de uma explicação da mecânica, que não resulta necessariamente da primeira, conduz a uma avaliação sem os necessários fatores de ponderação, o que explica, em meu entender que a perceção da utilidade do trabalho da ONU não seja mais positiva, apesar de os telejornais enunciarem todos os dias regras e medidas que foram criadas no seu seio e sem as quais o mundo seria bem pior.

E foi assim que me surgiu a ideia de escrever, explicando em maior detalhe o funcionamento das relações internacionais na sua vertente multilateral com ênfase na Organização das Nações Unidas, não sob o ponto de vista da arquitetura – sobre a matéria existe já muita e meritória literatura – mas da sua dinâmica, uma vez que participei em muitas reuniões. O objetivo consiste em derrubar mitos e conclusões perentórias mas precipitadas, porque baseadas na aparência, mas totalmente desconhecedoras da realidade, a que tenho assistido, até no seio familiar.

Trata-se assim de um exercício opinativo e não descritivo que visa, podendo-se concordar ou não, preencher o que me parece uma lacuna na literatura existente.

Gostaria com este exercício de ajudar a diminuir as interrogações de carácter existencial muitas vezes injustamente dirigidas às Nações Unidas e a outras organizações internacionais como *“para que servem?”*, *“porque não acabam com a guerra?”*, *“porque não protegem os civis?”*, *“para que existem os direitos humanos, se não são respeitados?”*, *“que interessa existir um direito da guerra se não é respeitado?”*, *“o que fazem as Nações Unidas com o dinheiro do seu orçamento, pago por todos nós?”*

Para além de ajudar a compreender as competências e limitações daquelas organizações, pretendo argumentar por que a sua existência é tão importante apesar da percepção de inoperância e o quanto já fizeram por nós, nomeadamente para que pudéssemos usufruir de direitos que muitas vezes exercemos sem sabermos que o estamos a fazer.

E explicar que, por muito evidentes que pareçam, estes direitos não têm proveniência nem imposição Divina, resultando antes de negociação entre Estados soberanos, que asseguram entre si a vigilância do seu cumprimento. Bem como as consequências dessa proveniência terrena – e menos santa – dessas regras.

Em suma ajudar a identificar e atribuir o mérito de muitos benefícios de que usufruímos sem pensar quão difícil foi garanti-los e quem desempenhou um papel fundamental nesse exercício.

A recente assinatura de um acordo para o desbloqueio das exportações de cereais da Ucrânia, que tanta falta estão a fazer ao mundo, para a qual o SGNU, António Guterres, desempenhou um papel determinante veio, mais uma vez, demonstrar o quão atenta está a Organização sobre as necessidades do mundo e como o seu dirigente se tem batido pela defesa do superior bem comum. Se,

no final, o acordo for cumprido ou não, não está inteiramente nas suas mãos, como demonstra o ataque russo que se seguiu, mas o que gostaria que resultasse deste exercício é que uma avaliação de desempenho só é justa se baseada na efetiva capacidade ou poder de atuação.

II. A influência da natureza das organizações internacionais, diferença entre organizações intergovernamentais e supra-nacionais e as virtudes e limitações do trabalho das organizações intergovernamentais

Todos nós ouvimos falar no nosso quotidiano da Organização das Nações Unidas em geral e das organizações especializadas que a integram ou a elas estão associadas como a Organização Mundial da Saúde, a Organização Internacional do Trabalho, a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura e outras organizações internacionais como a OCDE, ou a NATO.

Todos sabemos que existem, de vez em quando ouvimos falar de um trabalho ou atividade mais notória, pelo menos no que toca ao interesse do

cidadão comum mas os comentários mais habituais – a palavra frequentes, poderia levar a pensar que lhes é dedicada muita atenção – são de interrogação sobre porque existem e se justificam os fundos que consomem.

Esta percepção sobre a utilidade ou falta dela, destas organizações, tende a agravar-se em tempos de crise ou pior ainda, de catástrofe, pois é nessas alturas que mais gostaríamos de ter uma entidade superior dotada de uma espécie de varinha mágica que tudo resolvesse. E quando isso não acontece rapidamente encontramos um bode expiatório sobre o qual descarregamos a nossa frustração. Aparentemente a guerra na Ucrânia terá exacerbado esses sentimentos.

Na realidade trata-se de uma reação até certo ponto compreensível se pensarmos que se baseia numa percepção ilusória mas baseada em aparências, de que essas organizações têm muito dinheiro e poder. Não é verdade que o SGNU é visto muitas vezes a ser recebido ou – mais importante ainda – receber, a seu pedido, dirigentes de todo o mundo, mesmo das maiores potências ? Então porque não dá ele instruções ao agressor para cessar a agressão ou ao exército das NU para intervir? Porque não manda a polícia das Nações Unidas deter o responsável